



**MIDAS**

Museus e estudos interdisciplinares

11 | 2020

**Dossier temático: "Perspetivas sobre o museu eclético"**

---

## Viagens ecléticas, residências e obras: Maria Graham artista-autora-viajante

*Eclectic journeys, permanencies and their writings: Maria Graham artist-author-traveller*

**Maria de Fátima Lambert**

---



### Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/midas/2222>

DOI: 10.4000/midas.2222

ISSN: 2182-9543

### Editora:

Alice Semedo, Paulo Simões Rodrigues, Pedro Casaleiro, Raquel Henriques da Silva, Ana Carvalho

### Refêrencia eletrónica

Maria de Fátima Lambert, « Viagens ecléticas, residências e obras: Maria Graham artista-autora-viajante », *MIDAS* [Online], 11 | 2020, posto online no dia 19 novembro 2020, consultado no dia 21 novembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/midas/2222> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/midas.2222>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 21 novembro 2020.



Midas is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 International License

---

# Viagens ecléticas, residências e obras: Maria Graham artista-autora-viajante

*Eclectic journeys, permanencies and their writings: Maria Graham artist-author-traveller*

Maria de Fátima Lambert

---

## NOTA DO EDITOR

Artigo recebido a 12.02.2019

Aprovado para publicação a 15.03.2020

## Resiliência nas viagens e pensamento de Maria Graham

- <sup>1</sup> Albert Babeau escrevia em 1885: «La manière de voyager est bien plus en rapport qu'on ne pourrait le croire avec l'état social et politique des nations» (1885, 11). Cerca de 60 anos antes, as viagens realizadas por Maria Graham (1785-1842) anunciavam-se como eixos privilegiados para a transformação de si pelo confronto de alteridade e divergência; eram imprescindíveis para a consolidação formativa do indivíduo (Venayre 2012, 10). O ímpeto de viajar propagou-se na Europa, almejando destinos longínquos, territórios sob tutela de países colonialistas, de onde os viajantes eram originários ou manifestavam afinidade. A Inglaterra e a França lideravam no respeitante ao sector feminino que viajava, não excluindo europeias de outras nacionalidades – poucas, certamente, portuguesas. Por outro lado, partiam dos territórios colonizados, viajantes de estirpe e aventureiras para cumprir na Europa, um mundo que se aplicavam a inventariar ou reinventar. Para certas mulheres, as viagens

foram impostas, para outras foram compulsivas. Respondiam à exigência de possuir/aceder a mais e mais conhecimentos, paisagens, tradições, tudo aquilo que fosse estranho, encaminhado no contacto de pessoas, insaciáveis de experiências, como sucede aos colecionadores. As viagens eram atos em processo contínuo de recolha e agrupamento de coisas e ideias, em relacionalidade improváveis, para um “museu-pessoa-viagem” eclética.

- 2 A polissemia que os olhares femininos validavam, no confronto estrangeiro, caso de Maria Graham, plasmava-se em diários, cadernos de anotações e textos minuciosos. Embora carregando os estereótipos socioculturais europeus, empenhavam-se em práticas de pensamento societário clarividente, avançando na denúncia de contingências e injustiças (apesar de nas autoras europeias, Graham incluída, se detetarem certos laivos de superioridade, mais nas Inglesas do que nas Francesas e quanto à apreciação situacional em territórios colonizados – (Bourguinat 2008, 89). Por outro lado, foram essas viajantes-autoras europeias que mais se preocuparam e mostraram solidariedade pela condição das escravas e mulheres autóctones – manifesta empatia pelo Outro/a que era também alguém dominado, como assinala Bassetto: «A ascensão de uma escrita feminina de viagem relaciona-se com a subjetividade ocidental, e mais em particular devido à transição do período iluminista para o romantismo, com o nascimento do “íntimo” e da exploração do “eu”» (Venayre 2012, 13).

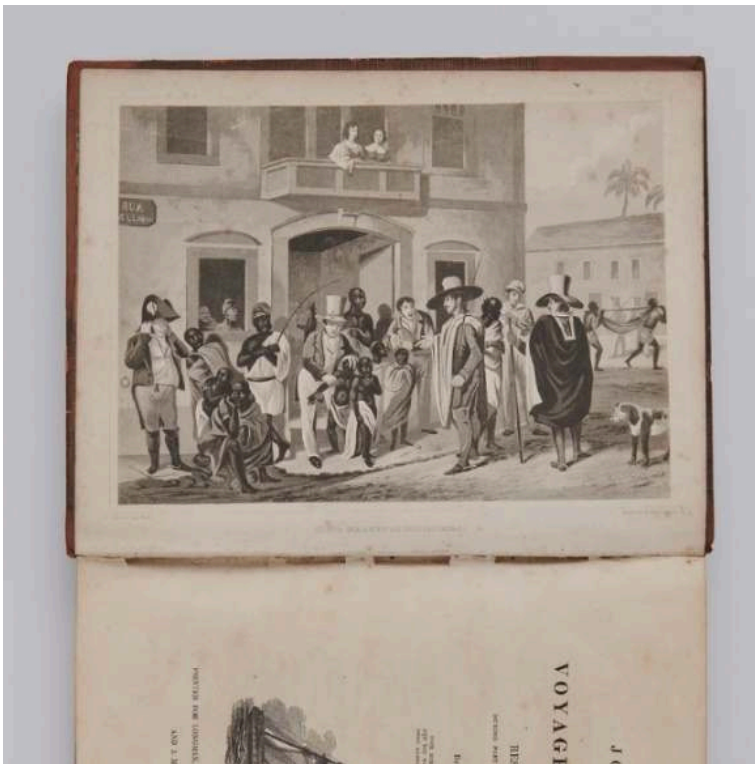


Fig. 1 – Edward Finden after Augustus Earle, «Val Longo or Slave Market at Rio Janeiro», publicado no *Journal of a Voyage to Brazil* (Graham 1824)

Colección Patricia Phelps de Cisneros

- 3 Graham coligiu todas essas evidências incongruentes e ambivalentes, de pessoas, comunidades, atuações e costumes, ao mesmo tempo que recolhia exemplares de plantas, descrevia paisagens, caracterizava a natureza e lhes procurava uma sistematização. Registrou a memória das coisas vistas que não cabiam em dispositivos de conservação, pois excediam o tangível – caso da natureza convertida (ou não) em

paisagem e as figuras com que se comprometia. Por certo os relatos de viagens espelham o estatuto e circunstâncias dos viajantes, tanto quanto o seu investimento com a sociedade. Donde, os historiadores se interessarem por quem efetuava as viagens. Sabe-se com Heródoto que o viajante é uma versão do historiador na primeira pessoa, sublimada no discurso. No século XVIII, com o Iluminismo, as narrativas de viagens converteram-se em fontes estimáveis para uma historiografia que se obrigava a maior genuinidade – em termos metodológicos e científicos. Quem viajasse teria o pensamento liberto para reconhecer singularidades e destrinçar o que fosse invisibilizado pelos autóctones. Residir em territórios estranhos, permanecer sem ser absorvida, manter lucidez no contacto, significou multiplicar-se em posturas e funções: «Viajar é multiplicar-se» (Machado de Assis 1994, s/p), sem encarnar o papel d' «O estrangeiro [que] se tinha tornado um deus» (Cioran 1986, 186).

- 4 Inscrevendo-se este artigo no âmbito de *Caixas de Tesouros: Congresso Internacional sobre o Museu Eclético*, realizado para comemorar os 180 anos da criação do Museu Allen e recordar os 170 anos do desaparecimento do seu fundador, oportunidade também celebrada com a realização da exposição *João Allen – Colecionar o Mundo* (Museu Nacional de Soares dos Reis, Porto, 2018), sinalize-se a proximidade nas datas de nascimento e morte de ambas personalidades: João Allen (1781-1848) e Maria Graham (1785-1842).
- 5 Em países distanciados, embora próximos por história e atuação, ambas as personalidades participam na historiografia da cultura europeia e, no caso de Maria Graham Callcott, sublinhe-se o seu contributo na divulgação e reconhecimento da história do Brasil, acompanhando o desígnio independente a ser nação e nos anos que imediatamente antecederam a sua independência. João Allen colecionou o mundo e cumpriu o *Grand Tour*, marcando a cidade do Porto com o seu legado eclético e zeloso, como bem ficou espelhado no Congresso e Exposição mencionados. A repercussão da sua figura é de leitura imediata na museologia em Portugal.
- 6 No caso de Maria Graham, Lady Callcott (1785, Cumberland/UK), filha do Almirante George Dundas (1778-1834), o seu contributo para os estudos de museologia na Europa e na América do Sul talvez não seja tão diretamente legível. A sua personalidade como autora, viajante, artista e cidadã converte-a numa figura incontornável quanto à coerência pragmática e intelectual de fundamento eclético. Graham faleceu vítima de tuberculose em 1842, após mais de três décadas de resiliente atividade. Cedo iniciou os périplos mais ousados, acompanhando o pai à Índia, quando da sua missão em 1808-1809. Durante essa viagem assumiu o papel de professora de inglês junto da tripulação; ensinou língua persa aos oficiais e discutia com eles os grandes autores, enquanto cruzavam os mares (preconizando desígnios educacionais que atravessariam a sua vida (Mavor 1993, 5). Como autora, estreou-se com dois livros associados a essa jornada – *Journal of a Residence in India* (1812) e *Letters on India, with Etchings and a Map* (1814), que traduziu para francês no ano seguinte. Os primeiros livros despertaram interesse no público, seduzido por singularidades, pelo pitoresco e ecletismo de um *novo mundo* que se conflituava entre o documental e a ficção: relacionava conteúdos de natureza artística, cultural e científica. Privilegiavam o formato epistolar e abrangiam conteúdos em moldes educacionais. Seguiu-se-lhe a tradução inglesa de *Memoires de la Guerre des Français en Espagne*, de Albert Jean Rocca (1816). Da estadia em Itália, com o marido Thomas Graham (1756-1822), e o amigo Charles Lock Eastlake (1793-1865), resultaram os volumes *Three Months Passed in the Mountains East of Rome, during the Year 1819* (1819) e *Memoir of the Life of Nicolas Poussin* (1820).

- 7 O projeto de vida de Maria Graham demonstra causa digna de uma autora/ investigadora que se alimentou de viagens e de saberes ecléticos. Perpetuou-se na produção eclética, dispersa em acervos, arquivos e coleções internacionais. Continua a surpreender o público, maravilhado perante os seus relatos e imagens evocativas de mundos estranhos. Os desenhos e ilustrações (fig. 2a e 2b) integram a sua literatura eminentemente ensaísta, assim como possuem uma autonomia tipológica de ensaios visuais, interpelando leitores e espectadores pelo inusitado, qualificação metodológica e desdobrando leituras – aceções heterogêneas e preconizando um posicionamento interdisciplinar mesmo.



*Cadeirinha, na Bahia*

Fig. 2a – *Cadeirinha, na Bahia*

Ilustração publicada no *Journal of a Voyage to Brazil* [...] (Graham 1824)



*Escravos carregando uma pipa nas ruas de Pernambuco*  
(aliás Rio de Janeiro – V. retificação da autora em pg. 393)

Fig. 2b – *Escravos carregando uma pipa nas ruas de Pernambuco*

Ilustração publicada no *Journal of a Voyage to Brazil* [...] (Graham 1824)

- 8 Com regularidade inesperada, ao longo de três décadas, tornou públicos volumes que foram elencados pela sobrinha-neta, Rosamund Brunel Gotch (1864-1949), quem primeiro se debruçou sobre a autora, no volume *Maria, Lady Callcott: The Creator of "Little Arthur"* (1937). Sedimentou um universo de maravilha, à semelhança dos *Wunder Kamera* e dos *Cabinets de Curiosités*, permitindo-se repercutir as ambiguidades (certas) do imaginário que cada um pode materializar na palavra inaudível e na imagem mental. Atinge-nos hoje o fascínio que estimulou em termos museológicos para difusão junto de públicos alargados. Quem visite a loja do Victoria and Albert Museum, depara-se com o *Peepshow* (fig. 3) – produto comercial concebido a partir da obra de Maria Graham – com uma vista interpretativa de paisagem no Chile. É um produto inusitado, muito popular

nos últimos quartéis do século XIX e nos primeiros do século XX e que sintetiza o seu legado, em termos mediáticos.



Fig. 3 – *View of L'Angostura de Paine in Chile - peepshow*, c. 1835, de Maria Graham  
© Victoria and Albert Museum, London

- 9 Proporciona um emblemático – ainda que ingénuo, para alguns – mergulho na cópia de uma obra que não é um “ícone” museológico, o público em geral. A sucessão de planos desta peça tridimensional em “fuga e perspetiva” é uma metáfora para o caminho a percorrer para conhecer Maria Graham no contexto antecipatório e idiossincrático da sua criação: as viagens da autora/artista inglesa por continentes longínquos no início do século XIX, antecedendo as “intrépidas viajantes victorianas” (Pomeroy 2005).

## Ecletismo nas pesquisas e obras de Maria Graham

O que retém o olhar é o pitoresco, isto é, essa espécie de encanto derramado sobre o objeto que deseja tornar-se pintura. (...) É preciso anotar essas coisas, fazer esboços, para poder lembrá-las a qualquer momento e nunca confiar na memória: as idéias apagam-se com muita facilidade se nada as fixa. (Starobinski 1994, 193)

- 10 Na tradição, anterior e posterior a Graham, recapitule-se a atividade de autoras femininas que contribuíram para o desenho de carácter científico, por exemplo, quanto ao estudo de espécies botânicas: *Flora dos Trópicos* de Sybilla Mérien (1647-1717), Johanna Helena Herolt (c.1668-1721), Marianne North (1830-1890) ou Lady Anna Brassey (1838-1887). O desenho de carácter ilustrativo de paisagens e ambientes é digno de menção, prevalecendo o gosto pela representação “pitoresca”, denominador comum na estética do *Grand Tour*. Apurava-se a curiosidade por minúcias que as artistas mais facilmente detetavam. As singularidades femininas potencializavam a acuidade de observação, a identificação e sistematização de costumes e padrões de comportamento, tal como se lê no histórico de tantos relatos. Isto sem prejuízo da sensibilidade que

sustentava o entendimento das categorias estéticas aplicadas. O belo, o pitoresco ou o sublime explicitavam-se nos desenhos e nos próprios escritos, consoante a acentuação das temáticas em foco. A subjetividade da autora direcionava a visão tratada do mundo, como acervo singular a comunicar a seus pares: dominava vários idiomas; estava em contacto com intelectuais e artistas seus contemporâneos, o que a diferenciava como «profissional (escritora, pesquisadora, historiadora etc) de outras escritoras que, mesmo prevendo possíveis publicações, tinham uma escrita mais voltada para curiosidades locais ou (...) histórias curtas em forma anedótica sobre os costumes ingleses ou do país visitado» (Soares 2015, 28).

- 11 Maria Dundas Graham acompanhou o marido, Thomas Graham, na célebre viagem de 1821 à América do Sul – Brasil e Chile. A sua determinação foi notável quando deu continuidade à sua missão no Chile após a morte do marido, antes de terem aportado a Santiago. Desembarcada em Valparaíso, procedeu em conformidade ao realizado no Brasil, diligenciando para obter os resultados que se propunha, na missão de investigação assumida.
- 12 No decurso da primeira viagem e estadia, em 1821, Maria Graham envolvera-se com uma sociedade que ainda era portuguesa. Quando voltou ao Rio de Janeiro, em passagem para a Europa, deparou-se com as idiosincrasias do novo país, privando com políticos e com a família imperial. Após esta aproximação à família imperial foi convidada para preceptora da princesa Maria da Glória (1819-1853). Um ano depois da independência do Brasil, instalaram-na no Paço Imperial. Após uma permanência breve em Londres, trouxe para a corte brasileira, livros e documentação didática que garantiriam o bom desempenho das suas funções de educadora. Todavia, o seu cargo foi passageiro, talvez por discordâncias quanto às metodologias seguidas (e às intrigas), desistindo da tarefa. Permaneceu durante meses no Rio de Janeiro, regressando definitivamente a Londres apenas em 1825. Durante esse período completou várias linhas de pesquisa iniciadas, ciente de que havia que consolidá-las (e finalizá-las) *in loco*.
- 13 Os pormenores lidos nos seus diários e relatos na América do Sul previnem e esclarecem os leitores, tendo sempre manifestado a sua visão crítica sobre a sociedade e a política locais, quer no relativo ao Brasil, quer ao Chile, procurando todos os eixos e coordenadas:
 

Incluí neste nível da narrativa os passeios não só pelas cidades propriamente ditas, mas também pelos seus arredores, bem como visitas a museus, hospitais, asilos, cemitérios, etc. Pois juntando uma escritora interessada em entreter seus leitores com a maior variedade possível de assuntos, com um gênio intrépido e curioso por natureza, temos uma imensidade de passeios e incursões por todos os cantos. (Silva 2009, 68)
- 14 Mais tarde, com o segundo marido, o pintor Augustus Callcott (1779-1844), visitou outros países europeus e do médio Oriente, onde conviveu com artistas, focada então mais na arte europeia, acerca da qual pesquisou e escreveu, com o benefício intercultural que possuía. A sua casa de Londres foi palco de tertúlias. Recebia artistas como John Linnell (1792-1882), David Wilkie (1785-1841) e William Mulready (1786-1863), aos quais se juntavam John Varley (1778-1842), Edwin Landseer (1802-1873), John Constable (1776-1837), J. M. W. Turner (1775-1851) e músicos como William Crotch (1775-1847) ou William Horsley (1774-1858). Graham absorveu e extrapolou ideias, cruzando dados de natureza teórica e científica, ainda que sob significativas bases autodidatas. De um diletantismo inicial progrediu para conhecimentos, epistemológica e metodologicamente validados, com intenção de

difundir pensamento, adequando o discurso escrito, ao gerir as incursões mais pessoais (notas de viagens e cartas), ciente das restrições que se impunham, como assinalou Bourguignat (2008, 11). A acuidade e escrupulo na escrita caracterizam os seus ensaios de história de arte, assim como o volume de Botânica, *Herbário*, que foi a sua derradeira obra.<sup>1</sup>



Fig. 4 – *Arci di Nerone*, de Lady Maria Callcott, British Museum, museum number: 1860,0811.21  
© The Trustees of the British Museum

I remember a Landscape painter in Rome, who was known by the name of Studio, from his patience in high finishing, in which he ‘thought the whole excellence of art consisted; so that he once endeavoured, as he said, to represent every individual leaf on a tree. This picture I never saw; but I am very sure that an artist, who looked only at the general character of the species, the order of the branches, and the masses of the foliage, would in a few minutes produce a more true resemblance of trees, than this painter in as many months.<sup>2,3</sup>

- 15 As mulheres viajavam e pensavam de ambos lados do oceano, transpondo os seus limites e comungando ideais:

O caminho percorrido por Graham se distinguia das rotas habituais dos viajantes contemporâneos à ela. Logo no prefácio a autora sinalizou essa intenção ao visitar a Itália. Na verdade, Graham pretendia fugir um pouco daquilo que, em seu entender, já havia sido muito explorado pelos viajantes. (Souza 2017b, s/p)

- 16 O escopo consistia, como sublinhou Rodolphe Toepffer (1843, 13) no dimensionamento pedagógico da viagem: a formação identitária, a educação e a cultura constituíam uma tríade indissociável e generosa. A imaterialidade de conhecimentos preservava-se nos livros, visibilizava-se nos desenhos e pinturas, assim como se consubstanciava em objetos e materiais trazidos dos lugares visitados que garantiam “verdade” aos incrédulos e para gáudio de quem os possuía.

O prazer de viajar equivale ao de transformar o real em objeto de coleção. Trata-se de se apropriar da paisagem, de possuir fragmentos, de garantir à viagem a memória sob a forma material de uma parcela de realidade a conservar. O encontro entre o mundo e o viajante deve ser selado por um penhor material da existência. (Caraion 2007, 339-340)



- 17 O significado dos objetos, adquiridos ou achados durante as deslocações, variava consoante o propósito da viagem, admitindo diferentes ensejos e desígnios. Estimulavam ou recuperavam memórias, convertidos em resíduos, testemunhos fulcrais da viagem. Outorgavam-lhe tangibilidade, reificam-na, tornando-a mais presente. Por detrás das tipologias que os objetos relacionavam na memória, estavam as tipologias de viajantes que deles usufruíam. Qual a distância que o artefacto excêntrico *apagava*, quando o viajante se apropriava de algo incomum?

O viajante, no seu movimento incessante, vê tudo à distância. (...) A viagem é produção de simulacros, de um mundo puramente espectral erguido à beira da estrada. (Brissac-Peixoto 2010, 137)

## Um olhar de estrangeira e viajante eclética

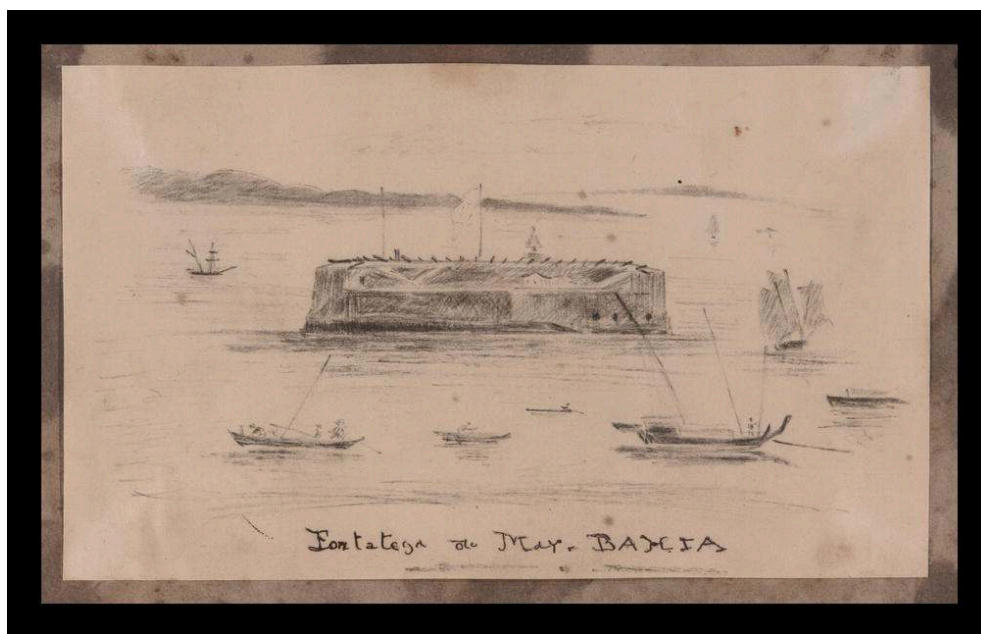


Fig. 5 – Desenho aguarelado: *Fortaleza do Mar: Bahia* [Vistas e costumes da Bahia]. Des.6. Obra atribuída à Lady Maria Callcott, [s.d.]

Selections from the Lady Maria Callcott Collection, National Library of Brazil / Coleção Lady Maria Callcott, Fundação Biblioteca Nacional [Brasil], Digital ID: <http://hdl.loc.gov/loc.hisp/brfbnmc.393042i6>

- 18 Mais de um século após Maria Graham, Nietzsche, na obra *Le Voyageur et son Ombre* (publicada pela primeira vez em 1879, mas de que aqui uso uma edição de 1902) identificou cinco graus, distinguindo as intenções dos viajantes.<sup>4</sup> Maria Graham e a maioria das viajantes-pesquisadoras interseccionam o 3.º grau: «algo acontece ao viajante, na sequência das suas observações»; o 4.º grau: «os viajantes retêm o que viveram e guardam-no em si» e o 5.º grau: o estágio supremo era o atingido por alguns «homens [e mulheres, podíamos acrescentar] de força superior que, necessariamente acabam por exibir à luz do dia, tudo o que viram, depois de terem vivido e assimilado; eles revivem, então, as suas viagens em obras e em ações, quando regressaram a casa» (Nietzsche 1902, 147).
- 19 Maria Graham agiu em solitário, não integrou qualquer missão artística ou científica; dedicou-se a uma causa multidirecionada, procurando obter a maior diversidade de elementos e informações para posterior elaboração. A sua missão alimentava-se da

capacidade em concatenar dados de proveniências diversas, o que poderia sugerir um caos de *inputs*, mas oferece, pelo contrário, um todo organizado, pela sua estrutura, em termos metodológicos e quanto aos moldes de apresentação dos conteúdos. A sua atividade extrapola a produção literária e visual dos protagonistas que a antecederam no Brasil. Graham adicionou recursos e, sobretudo, reconfigurou um modelo precursor de viagem eclética, o que foi significativo nesse início do século XIX. Aproximou-se, numa certa perspectiva da *viagem filosófica*, adicionada a detalhes de expedição [quase política] societária, balançando objetivos de missão historicista, eivada de tópicos estéticos e científicos, através do discurso assumido na primeira pessoa vivido *in loco*.

20 Para Georg Simmel, o estrangeiro é:

[...] por um lado, a união dos contrários. Quer dizer que ele é de um lugar sem sê-lo integral ou totalmente. É sempre o vagabundo potencial, e pode partir a qualquer momento, rompendo os laços que teceu. Mas, por outro lado, o estrangeiro é a metáfora daquilo que a metrópole se está em vias de tornar, onde todo o mundo só está de passagem. (cit. por Maffesoli 2001, 139; Simmel 1989, 305-308)

21 Torna-se desafiante supor as emoções de Graham no Brasil, lidas a partir de Julia Kristeva, quando esta reflete sobre a definição de *estrangeiro*. É certo que o estrangeiro habita em nós, o que se aplica obviamente à identidade de artistas/autores europeus que viveram e/ou permaneceram no Brasil; que tais permanências puderam ser vividas de modos díspares, sofrendo mutações ao longo dos percursos em que cada se encontrou por acaso ou deliberadamente e dependendo das circunstâncias e controle das variáveis implícitas.

A autora não tem pretensões à perfeita imparcialidade, pois nem sempre esta significa virtude. Mas, sabendo que nenhum bem humano pode ser alcançado sem certa dose de mal, espera ter sempre encarado as questões pelos dois lados, ainda que isto lhe tenha custado bastante esforço na composição. (Graham 1824, introdução, s/p)

22 A partir da escrita na primeira pessoa e dos testemunhos associados, a opinião dos investigadores brasileiros coincide, ao assinalarem a singularidade do seu projeto, reconhecendo que não servia encomendas ou solicitações de outrem, pois «Não era naturalista profissional, a serviço de museu, associação científica ou repartição oficial. (...). Também não era missionária, nem negociante, nem engenheira, nem médica, nem vinha com atribuições políticas ou militares...» (Valente 1957, 36).<sup>5</sup> Todavia, tudo se conjugava num *corpus* moldado por um certo enciclopedismo.

23 Maria Graham manifesta disponibilidade e sentido de missão, plasmados na minúcia que caracteriza os textos e desenhos, a dualidade da estranheza que reside na pertença e vice-versa, numa conciliação heterogénea e plausível. Pois o «estrangeiro nos habita». A estrangeira habitava em Graham: «...il est la face cachée de notre identité, l'espace qui ruine notre demeure, le temps où s'abîment l'entente et la sympathie» (Kristeva 1988, 9). Perplexa e resoluta perante a realidade local, Graham foi verificando o que via, incorporou e relatou, respeitando a tipologia das experiências, situações e acontecimentos. Foi uma “narradora-viajante” que alcançava a diversidade do que estava perante si, refletindo sobre o que seria ou não a verdade: «Estes diversos tipos de informação se organizam em torno de Graham como se fossem esferas, sendo a esfera íntima aquela que está mais próxima dela, por versar sobre aquilo que se passa em seu interior» (Silva 2009, 52).

24 Retrata as figuras esguias e elegantes de várias etnias, descreve as profissões que convivem nas vilas e cidades – caso dos registos tipológicos e profissionais de pessoas

na Bahia. Outra perspectiva que, registrada, se relaciona com o que seria o impacto [estranheza, perplexidade] causado nas pessoas locais, perante as hordas de estrangeiros no Brasil a partir do século XVII. A maioria da população não formularia a ideia do *estrangeiro*. Desconheceria a acuidade e contornos das geografias europeias. O estrangeiro seria aquele que não preenchia os parâmetros habituais, não lhe reconhecendo (ou identificando) paralelismo identitário, independentemente da nacionalidade:

*Or, l'étranger a toujours la même origine: il vient de l'ailleurs. L'ailleurs, ce n'est pas seulement le pays que l'on ne connaît pas parce qu'il est trop loin pour être visité, ce peut être le pays que l'on a toujours oublié de voir ou encore celui dans lequel on rêverait d'aller.*  
(Nal 2012, 103)

- 25 Quando se desconhece tanto acerca dos outros, a tendência é deixar-se conduzir pela efabulação que mitifica, persuadindo-se de que se trata de entendimento. O desconhecimento e/ou a adulteração metaforizada do outro, seduz tanto quanto amedronta pela diferença. Mauro Maldonato em *Raízes Errantes* convoca o pensamento de Edmond Jabès quanto ao significado (sensação/consciência) de estrangeiro: «O que é um estrangeiro?» (Maldonato 2015, 30). Entende-se de alguém que não pertence; que tem como impossível sentir-se em casa; que sabe como incorrigível estar em algum outro lugar. Quem é o estrangeiro? «Quem é o outro de quem eu falo? Qual o seu rosto? Qual a sua linguagem? E quem me pode questionar?» (Maldonato 2015, 31). No caso de Maria Graham, seria provável a pregnância de sentir essa imobilidade, essa fixação de olhar, numa desesperada fidelidade à terra; a consciência de deixar a terra de um país, a casa, a memória de si mesma, a mais ténue raiz que a detivesse, parafraseando Maldonato (2015, 31).

## Os diários e o *Herbário* do mundo: causas alcançadas

A problemática da viagem, comum a todas as épocas da história da cultura, manifestou-se de uma forma determinante durante a idade clássica, e mesmo durante os tempos medievais que de algum modo se entrançaram com os primórdios humanistas que prenunciaram os alvares da modernidade. (Seixo 1996, 120)

- 26 Jean de Léry (c. 1534-c. 1613) publicou *Histoire d'un Voyage fait en la Terre du Brésil, Autrement dite Amérique* (1578), 20 anos após o seu regresso a França. Franz Post (1612-1680) viajou pelo Brasil na comitiva do príncipe Maurício de Nassau (1604-1679), percorrendo o Nordeste na década de 1630. Regressou a Haarlem em 1644. As ilustrações realizadas na Europa, a partir de estudos tirados pela observação direta, são minuciosas. As 47 pinturas representam localidades, sítios e paisagens, glosam quase sempre *panoramas, vedutas* e cenas com personagens em virtuosísticas memorizações etnográficas. Apenas sete foram executadas no Brasil. O discernimento estético da paisagem, culturalizada no seu imaginário, contrasta com a determinação antropológica e ética de Jean Debret (1768- 1848) quanto à abordagem da sociedade brasileira colonial, destacando a situação dos escravos. Integrou a primeira missão artística francesa de 1817. Voltou à Europa em 1831, publicando o álbum *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil (1834-1839)*. A sua visão pitoresca realçou a população indígena e negra, representada sob auspícios de mitificação exótica, bem ao gosto europeu da época.

- 27 Neste fluxo de viagens em sentido duplo destaque-se, poucas décadas após Graham, o protagonismo das mulheres-viajantes vindas do *novo mundo*, partilhando algumas preocupações análogas às das europeias. Destaca-se, de Nísia Floresta (1810-1885) (Pereira 1990, s/p), escritora brasileira e viajante na Europa que saiu do Brasil em 1849 e permaneceu na Europa durante 28 anos, visitando vários países os seguintes livros: *Itinéraire d'un Voyage en Allemagne* (1857); *Trois ans en Italie, Suivis d'un Voyage en Grèce* (1864); *Le Brésil* (1871); *Fragments d'un Ouvrage Inédit, Notes Biographiques* (1878).<sup>6</sup> A autora foi uma das primeiras pensadoras a alertar para os perigos do etnocentrismo, do sociocentrismo, considerando que em todo lado as pessoas ajuízam e atuam de acordo com o estatuto e circunstâncias de que usufruem.
- 28 A formação cuidada de Maria Graham permitiu-lhe, à semelhança dos artistas que haviam participado em expedições pelo Brasil, levar a bom termo os seus propósitos de recolha heteróclita. Tal como nas *Viagens philosophicas*, a educação formal em desenho e pintura (matemática e física incluídas), as expedições associavam especialistas em história natural, matemática, arquitetura e cartografia (Pataca 2011, 4). A disparidade e unidade de conhecimentos corrigia-se na assunção do ecletismo que fora imprescindível para o sucesso das expedições que documentavam os novos territórios.
- Quando ela veio ao Brasil, teve contato também com idiomas africanos e indígenas. Na introdução de seu Diário, ela escreve e demonstra ter conhecimento dos escritos do Padre José de Anchieta<sup>7</sup> sobre a língua Tupi e em algumas passagens ela comenta a origem de algumas palavras indígenas que foram absorvidas pelos portugueses. (Soares 2015, 27)
- 29 A autora estabeleceu um protocolo de atuações, pautado pelo método mais conveniente para fundamentar o *Herbário*, no qual elenca as espécies botânicas que encontrou, e avisando logo no prefácio quais as motivações: «*My chief object and aim in writing this little book has been to induce those who read and love God's written word, to read and love the great unwritten book which he has every where spread abroad for our learning*» (Graham 1842, iv).
- 30 Graham constatara a lacuna, quanto a obra publicada em língua inglesa, neste domínio e impôs-se a missão em colmatar:
- A second reason for printing an English Scripture Herbal is, that, of the best and most trusty books on the natural history of the Bible, the greater number are written in the learned languages; and, of the many millions who read the Scriptures in my native tongue, how few there are who can decipher the in scription written in the Hebrew, and in the Greek, and in the Latin!* (Graham 1842, iv)
- 31 As fontes apresentam-se desiguais, entre obras mais correntes e as que eram de cientistas históricos como Carolus Clusius (1525-1609) e Carl Lineu (1707-1778), entre outros nomes citados pela autora. Saliente-se a preocupação quanto à descrição, ilustração e desenho das plantas, cujas gravuras são de William Armstrong Folkard (activo entre 1830-1850)<sup>8</sup>. Na lista das gravuras assinala que procedem ou de ilustrações antigas ou que foram desenhadas do natural, o que revela procedimentos de rigor, no que era um trabalho de ordem científica e por autoconsciência do facto. Segue um longo índice, elencando por ordem alfabética, as plantas compiladas. As poucas referências inseridas feitas, relativas às espécies vistas pessoalmente no Brasil, são assinaladas com sucinta referência a local e/ou contexto: «*Hasselquist found the Bramble among the ruins of Scanderette; it flourishes among the rocks of Petra, and I have met with it wild on the top of a high mountain in Brazil*» (Graham 1842, 64).

- 32 O contributo de Maria Graham para o conhecimento das paisagens e da flora brasileiras pode ter sido reduzido, ainda que resultando da maior acuidade, procedendo com as metodologias ajustadas: «Os registros foram feitos no frescor da primeira impressão, conjugando uma observação acurada, às vezes acompanhada de iconografia. Mulher avançada para sua época, relacionava-se com a população local em situações diversas» (Peixoto e Filgueiras 2008, 992).
- 33 Quando, em 1906, foi publicado o primeiro volume de *Flora Brasiliensis*, resultado da colaboração de 65 botânicos, baseados na compilação de dados de 135 colecionadores, dentre os quais apenas duas eram mulheres, Wenceslau Urban, organizador do volume, destaca as autoras Maria Graham e Therese Prinzessin von Bayern (1850-1925) (Urban 1906; Emmerich 1994). Segundo palavras da autora (1842, 194), a « [...] prática de varar as matas à cata de plantas, me havia tornado familiar». O episódio é relatado no *Esborço Biográfico de D. Pedro I*, quando se refere ao ter acompanhado Lady Anne Isabella Noel Byron (1792-1860), quando da sua visita ao Rio de Janeiro. A rotina está explicitada nos relatos dos seus dias; trata-se da pesquisa sistemática no terreno, onde compilou dados e desenhou as espécies botânicas, como já foi mencionado.
- 34 A maioria dos estudos de Maria Graham data da segunda estadia no Brasil. A partir de 1824, vivendo nas Laranjeiras (Rio de Janeiro), dedicou-se quase exclusivamente ao estudo botânico e paisagístico. Percorria locais na sua proximidade, com incursões na fazenda “Macacú” (1824 e 1825, seguindo a própria refere no *Esborço biográfico do Imperador D. Pedro I*). Isto para além das coletas antes realizadas em anteriores deslocamentos pelo Brasil (Urban 1906): Pernambuco (setembro de 1821); Bahia e Rio de Janeiro (dezembro, 1821); Rio de Janeiro, caminho para Santa Cruz (em 1823). Durante esse período, Maria Graham manteve contacto com o naturalista e investigador de botânica William Hooker (1785-1865), que seria alguns anos depois diretor, em Londres, dos *KEW Gardens* (1841-1865) (Zubaran 2005, 57).
- 35 Em termos estéticos, as obras de Graham, relativas do Brasil, integram as perspetivas antes enunciadas: o paisagismo minucioso e pitoresco de Frans Post (1612-1680) e o retrato denunciador de escravos e escravas em contexto de trabalho, na maioria tratados como solistas, num palco de crueza, miscigenada pela dignidade da pose, sob olhar dos “outros”. Um dos primeiros tratados a aprofundar esta terceira categoria estética foi *Essays on the picturesque, as compared with the sublime and the beautiful; and, on the use of studying pictures, for the purpose of improving real landscape* (1810), da autoria do inglês Uvedale Price. O “pitoresco” irrompia num quadro concetual da estética que suavizaria as dicotomias, subsumidas à determinação axiológica do belo e do sublime.
- I have begun with that which is last mentioned in the title, as I thought some previous discussion with regard to pictures and picturesque scenery, would most naturally lead to a particular examination of the character itself.* (Price 1810, vi)
- 36 O pitoresco habita na natureza; expande-se nas paisagens e encena os seus atributos e protagonistas, revisitando episódios e histórias intrigantes que deleitam, num contexto de precariedade reflexiva. Recriar a natureza europeia no além-mar converteu-se em obsessão de bem-estar e usufruto estético, popular entre a sociedade da época que se fixava em geografias longínquas. Maria Graham, todavia, preferiu identificar as diferenças na paisagem, registar as suas impressões e absorver os detalhes locais.
- According to the idea I have formed of it, intricacy in landscape might be defined, that disposition of objects, which, by a partial and - uncertain concealment, excites and nourishes curiosity\*. Variety can hardly require a definition, though from the practice of many layers-out of ground, one might suppose it did.* (Price 1810, 23)



Fig. 6 – Desenho aguarelado: *Ganhadores: Bahia* - [Vistas e costumes da Bahia]. Des.48. Obra atribuída à Lady Maria Callcott, [s.d.]

Selections from the Lady Maria Callcott Collection, National Library of Brazil / Coleção Lady Maria Callcott, Fundação Biblioteca Nacional [Brasil], Digital ID: <http://hdl.loc.gov/loc.hisp/brfbnmc.393042i48>

- 37 O pitoresco “local” preencheu obras literárias e artísticas neste período, alimentado na presença de ambientes exóticos – cotejando a alteridade, e metaforizado no eclétismo. Foi uma morfologia dominante, uma “pele” a revestir ideias de geografias díspares e longínquas; convergia na materialidade de artefactos e objetos díspares – do orgânico e animal, passando pelo vegetal, até às criações eruditas. Os vestígios e as assunções do “estranho”, do “estrangeiro” ou do característico local resumiam-se em pequenas, médias ou grandes dimensões. Algo que fosse transportável pelo próprio, ou então o que, sendo de maiores dimensões, tardava em chegar aos viajantes regressados. O tempo do colecionismo possui memória antiga, agregando-se os conteúdos na flutuação de gosto e pelos desígnios dos tempos. Dos *Wunderkamera*, *Chambres des Merveilles*, aos *Cabinets de Curiosités*, passando pelos *Studiolo*, os recheios não se detinham, suscetíveis de serem, posteriormente, organizados em coleções. Guardar e confrontar evidências de um ambiente estrangeiro, consubstancia-se na intenção de alimentar – quer a materialidade, quer a incorporeidade – no cômputo de coleções plurais: pinacotecas, datilotecas, museus, arquivos, acervos, bibliotecas – hoje acrescentando os suportes e as bases digitais. Eis como se foi conduzindo a “efetividade”, a objetividade ou a mitificação de um território estrangeiro, consequência da percepção que, se apropriada, devia eternizá-lo.
- 38 O contributo de Maria Graham estabeleceu-se no diálogo com iconografias de outros artistas europeus no Brasil. Nelas se celebravam visões ficcionadas mais do que efetivas, destinadas a coleções europeias e do Brasil. Hoje, os diferentes acervos e coleções dialogam sob auspícios de novas aceções de “eclétismo museal”. Frans Post, Albert Eckhout (1610-1666), Jean Debret (1768-1848), Nicholas-Antoine Taunay (1755-1830) ou

Thomas Ender (1793-1875) têm as obras presentes em museus europeus e brasileiros de Belas-Artes, conversando com documentos originais que são matéria-prima de exposições “quase permanentes”, caso do acervo relativo aos *Artistas Viajantes* no Itaú Cultural em São Paulo.<sup>9</sup>

- 39 Atravessando continentes, as produções artísticas ultrapassaram a visão e a razão, quando a exigência científica e o registo se instauravam como objetivos (Alpers 1999), ainda que persistindo um grau de contaminação, subsidiado pela emoção da aventura. As paisagens nos trajetos decididos por Graham apresentam Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Santiago do Chile. Veem-se territórios onde as *figuras* se observam de perto ou de longe, contribuindo para sedimentar o imaginário de outrem. As reproduções *fac-símile* propiciam proximidade a estas viagens singulares, tornando-as tangíveis. Graham soube transmitir todos estes “condimentos”, constatados na lista dos trabalhos de desenho e gravura, mencionados no *Catalogue of Drawings by British Artists at the British Museum*, de Laurence Binyon, publicado pela Longman and C<sup>o</sup>, em 1898. Após a sua morte, o marido doou ao British Museum os desenhos a lápis que Maria Graham havia realizado aquando das suas estadias no Brasil.
- 40 No catálogo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ)<sup>10</sup>, encontra-se informação generalista que traduz a polifacetada obra de Maria Graham Callcott e dá conhecimento das existências no acervo brasileiro. Em dezembro de 1938, foi adquirida por 2:000\$000, por mediação de Erich Fichner, a documentação de Maria Graham que a Livraria Kosmos possuía e que fora, por sua vez, adquirida ao livreiro londrino Walter T. Spencer. Da incorporação no acervo da BNRJ constavam:
- 31 cartas, a maior correspondência entre Maria Graham e a imperatriz Leopoldina, uma nota sobre a família imperial e o texto *Esborço biográfico de Dom Pedro I*. Também faz parte do conjunto adquirido em Londres, o álbum *Vistas, tipos e meios de transporte da Bahia e vistas de Pernambuco*, com 62 aquarelas, atribuídas a Maria Graham e H. Lewis que estão sob a guarda da Divisão de Iconografia.<sup>11</sup>
- 41 A maior parte da obra de Maria Graham não ficou, portanto, no Brasil. Sabe-se que a autora, enquanto residiu no Rio de Janeiro, enviava regularmente parte do trabalho produzido para Londres. Os desenhos das espécies botânicas, por exemplo, pertencem ao acervo dos Kew Gardens; os desenhos de teor etnográfico, antropológico – paisagens e figuras, estão nos acervos do British Museum e do Victoria and Albert Museum.
- 42 A força e o impacto da sua personalidade têm motivado no Brasil vários artigos, comunicações, assim como algumas dissertações e teses, sendo igualmente notório o interesse, por parte dos investigadores europeus, maioritariamente ingleses. Talvez o interesse seja causado pelo carisma da sua pessoa, para além da qualidade da obra resultante de viagens autorais resilientes. O ecletismo, que a distingue de qualquer outra viajante conhecida até à sua época, alimenta a sua atualidade. Na obra póstuma, inédita até 1938, intitulada *Esborço Biográfico sobre D. Pedro I com uma Notícia do Brasil e do Rio de Janeiro em seu Tempo, Londres, Maria Callcott, 1834-1835*<sup>12</sup>, a confluência de abordagens disciplinares comprova esta convicção, sendo uma espécie de testemunho final da sua presença no Brasil. A concatenação de incidências epistemológicas e *poiéticas* consolida a sua identidade autoral eclética, na sequência de *O Diário de uma Viagem ao Brasil e de uma Estada nesse País durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823*<sup>13</sup>.

## Conclusão

43 O ato de viajar implicava um escopo que convocava e se expressava na educação, cultura e construção identitárias.<sup>14</sup> Instituiu uma tríade indissociável e generosa – como se viu. Outros universos se abriram, com o desenvolvimento das pesquisas sobre viajantes-escritoras-artistas europeias no Brasil, antes e depois de Maria Graham, o que contribui para, no confronto, reassegurar a sua autoria como caso paradigmático.<sup>15</sup> Na perspectiva de Graham, o que designo por ação e visão eclética, foi enriquecedor e insubstituível, validado pelos conhecimentos humanistas que propugnava, querendo alcançar os leitores europeus:

A documentação científica do século XIX conjugava os aspetos científicos e estéticos, por isso a produção imagética desse período pode ser estudada segundo as circunstâncias históricas e culturais que influenciaram os artistas viajantes no processo de produção de suas obras. (Souza 2017a)

44 O primado artístico associava-se ao compromisso societário da autora-artista-viajante, promulgando uma paisagem povoada pela interação de figuras multiculturais, para a melhor sustentação eclética da memória vivida: «Porei fim aqui à minha narração. Se ela está bem, e como convém à História, isto também, é o que eu desejo; mas se, pelo contrário, é menos digna do assunto, deve-se-me perdoar» (Graham 1824, 386).

## BIBLIOGRAFIA

- AA. 1818. *The Eclitic Review*, vol. X. July to December 1813, inclusive. London: Printed for Gale, Curtis, and Fenner, Paternoster.Row.
- Abrahão, Cinthia Maria de Sena, e Marcelo Chemin. 2009. “Viagens: Itinerários de Sensibilidade e Razão.” *Turismo & Sociedade*, vol. 2 (2): 110-127.
- Alpers, Svetlana. 1999. *A Arte de Descobrir: A Arte Holandesa do Século XVII*. São Paulo: EDUSP.
- Babeau, Albert. 1885. *Les Voyageurs en France depuis la Renaissance, jusqu'à la Révolution*. Paris: Firmin Didot.
- Bourguinat, Nicolas. 2008. “Voyage et Genre, une Interrogation Renouvelée.” *Le Voyage au Féminin – Perspectives Historiques et Littéraires (XVIIIe – XXe Siècles)*. Strasbourg: Presses Universitaires de Strasbourg.
- Brilli, Attilio. 1995. *Quando Viaggiare era un'Arte. Il Romanzo del Grand Tour*. Bologna: Il Molino.
- Brissac-Peixoto, Nelson. 2010. *Cenários em Ruínas – A Realidade Imaginária Contemporânea*. Lisboa: Gradiva.
- Butler, Samuel. [s/d]. *Erewhon or Over the Range*, chapter IV. Consultado em abril 17, 2018. <http://www.booksshouldbefree.com/download/text/Erewhon-by-Samuel-Butler.txt>
- Callcott, Maria [Graham]. 1842. *A Scripture Herbal*. London: Longman, Brown, Green and Longmans.



- Caraion, Marta. 2007. "Objets de Voyage, Objets de Mémoire." In *Le Voyage et la mémoire au XIXe. Siècle*, dir. Sarga Moussa e Sylvain Venayre, 339-355. Paris: Creaphis Ed.
- Cioran, Emile-Michel. 1986. *Exercices d'Admiration*. Paris: Gallimard.
- Ertzogue, Marina Haizenreder. 2007. "Solidão Tanto Quanto Possível: Anotações de um Diário de Viagem ao Brasil de Maria Graham." Associação Nacional de História – ANPUH. XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – 2007.
- Graham, Maria. 1812. *Journal of a Residence in India*. Edinburgh: A. Constable.
- Graham, Maria. 1814. *Letters on India, with Etchings and a Map*. London: [s.n.].
- Graham, Maria. 1824. *Journal of a Residence in Chile, During the Year 1822; and a Voyage from Chile to Brazil in 1823*. London: Printed for Longman, Hurst, Rees, Orme, Brown, and Green and John Murray.
- Graham, Maria. 1824. *Journal of a Voyage to Brazil and Residence there During Part of the Years 1821, 1822, 1823*. London: Longman, Etc., and John Murray.
- Graham, Maria. 2010. *Escorço Biográfico de D. Pedro I*. Rio de Janeiro: Cadernos da Biblioteca Nacional.
- Guardia, Sara Beatriz, ed. 2011. *Viajeras entre dos Mundos*. Peru: Centro de Estudios la Mujer en la Historia de America Latina.
- Guia de Coleções da Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional*. 2018. [https://www.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/miscelanea/2019/20190312\\_guia-4980.pdf](https://www.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/miscelanea/2019/20190312_guia-4980.pdf)
- Hiller, Mary Ruth. 1994. "The Eclectic Review, 1805-1868." *Victorian Periodicals Review*, vol. 27, n.º 3 (Fall): 179-283.
- Kristeva, Julia. 1988. *Étrangers à Nous-mêmes*. Paris: Fayard.
- Lacarrière, Jacques. 1997. "Voyageurs, Voyageants et Voyageés." *Le Monde de l'Éducation, de la Culture et de la Formation*, n.º 248 (mai.): 20-21.
- Machado de Assis. 1994. "Uma Excursão Milagrosa." *Obra Completa*. Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- Maffesoli, Michel. 2001. *Sobre o Nomadismo*. Rio de Janeiro: Record.
- Maldonato, Mauro. 2015. *Raízes Errantes*. São Paulo: SESC.
- Martins, Maria Cristina. 2017. *Peregrinação de Egéria: Uma Narrativa de Viagem aos Lugares Santos*. Uberlândia: EDUFU-Universidade Federal de Uberlândia.
- Mavor, Elizabeth, org. 1993. *The Captain's Wife – The South American Journals of Maria Graham 1821-1823*. London: Weidenfeld & Nicholson.
- Méaux, Danièle. 2009. *Voyages des Photographes*. Paris: Publications de l'Université de Saint-Etienne.
- Nal, Emmanuel. 2012. "L'Étranger – l'Être, la Figure, le Symbole: Un Messager du sens ?" *Le Télémaque* 2012/1, n.º 41: 103-111.
- Nietzsche, Frédéric. 1902. *Le Voyageur et son Ombre - Opinions et Sentences Mêlées: (Humain, Trop Humain)*. Paris: Ed. du Mercure de France.
- Oliveira, Natália Maria de, e José Flávio Morais Castro. 2016. "Análise da Paisagem das Mulheres Viajantes no Brasil durante o século XIX." *Caderno de Geografia*, vol. 26 (1): 155-168.

- Pataca, Ermelinda Moutinho. 2011. "Congruências entre Cartografia e Pintura no Prospecto de Vila de Cameté (1784) de José Joaquim Freire." In *Anais do I Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica, Paraty, 2011*, 1-16.
- Peixoto, Ariane Luna, e Tarciso de Sousa Filgueiras. 2008. "Maria Graham: Notes on the flora of Brazil." *Acta Botânica Brasileira*, vol. 22 (4): 992-998.
- Pereira, Ligia Fonseca. 1990. "Itineraire d'une Voyageuse en Europe: Nisia Floresta (1810-1885)." *Cahiers du Brésil Contemporain*, n.º 12: s/p.
- Pomeroy, Jordana. 2005. *Intrepid Women: Victorian Artists Travel*. London: Routledge.
- Pratt, Mary Louise. 1991. "Humboldt e a Reinvenção da América." *Estudos Históricos*, vol. 4 (8): 151-165.
- Price, Uvedale. 1810. *Essays on the picturesque, as compared with the sublime and the beautiful; and, on the use of studying pictures, for the purpose of improving real landscape*. London: J. Mawman.
- Seixo, Maria Alzira. 1996. "Entre Cultura e Natureza: Ambiguidades do Olhar Viajante." *Revista USP*, n.º 30: 120-133.
- Selections from the Lady Maria Callcott Collections. Collections from the National Library of Brazil [BN]/ Sobre as Coleções da Fundação Biblioteca Nacional [BN]. Library of Congress/Global Gateway. [http://international.loc.gov/intldl/brhtml/br\\_collections/scope\\_fbn.html](http://international.loc.gov/intldl/brhtml/br_collections/scope_fbn.html)*
- Silva, Any Marry. 2016. "Maria Graham: O Panorama da Mulher Viajante sobre Brasil da Independência." Relatório final, Departamento de História, Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Silva, Isadora Eckardt da. 2009. "O Viés Político e Histórico de Maria Graham em Diário de uma Viagem ao Brasil". Dissertação de mestrado em Teoria e História Literária, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- Simmel, Georg. 1989. *Philosophie de la Modernité*. Paris: Payot.
- Soares, Nara Marques. 2015. "Maria Graham Callcott: Revisão Bibliográfica e Considerações sobre sua Escrita." [texto não publicado].
- Soares, Nara Marques. 2017. Carta ao Museu Britânico. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos)*. Florianópolis. [http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499431527\\_ARQUIVO\\_CARTAAOMUSEUBRITANICOformulario.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499431527_ARQUIVO_CARTAAOMUSEUBRITANICOformulario.pdf)
- Souza, Maria de Fátima Medeiros de. 2017a. "Arte e Ciência na Obra de Maria Graham: Estudo da Documentação Científica do século XIX." In *Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 26.º, Campinas, 25 a 29 de setembro de 2017. Anais do 26.º Encontro da Anpap*. Campinas: PUC de Campinas.
- Souza, Maria de Fátima Medeiros de. 2017b. "Maria Graham e as suas 'vistas' do entorno e da cidade de Roma: Estudo de um Conjunto de Gravuras do Acervo do Museu Britânico." *19&20*, vol. XII, n.º 2 (jul./dez.). [http://www.dezenovevinte.net/obras/mfms\\_maria\\_graham.htm](http://www.dezenovevinte.net/obras/mfms_maria_graham.htm)
- Souza, Maria de Fátima Medeiros de. 2018. "As Árvores Milenares: Estudo da Ilustração da Dragon-Tree da Ilha de Tenerife feita pela Artista Viajante Maria Graham." *Museologia & Interdisciplinaridade - Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília*, vol. 7, n.º 13 (jan-jul.): 107-123.
- Starobinski, Jean. 1994. *A Invenção da Liberdade*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.

Töpffer, Rodolphe. 1843. *Voyage Autour du Mont Blanc (1<sup>ère</sup> Partie), Nouveaux Voyages en Zigzag*. [s.l.]: Bourlapapey, Bibliothèque numérique romande.

Urban, Ignaz. 1906. “Vitae itineraque collectorum botanicorum, notae collaboratorum biographicae, florum brasiliensis ratio edeni chorologica, systema, index familiarum.” In *Flora Brasiliensis*, ed. K.F.P. Martius, A.W. Eichler e I. Urban, v. I, pars I.

Valente, Waldemar. 1957. *Maria Graham: Uma Inglesa em Pernambuco nos Começos do Século XIX*. Coleção Concórdia. Recife: [s.n.].

Venayre, Sylvie. 2012. *Panorama du Voyage - 1780-1920 - Mots, Figures, Pratiques*. Paris: Les Belles Lettres.

Zubaran, Maria Angélica. 2005. “A Vistosa Vestimenta Vegetal do Brasil: Maria Graham e as Representações da Natureza Tropical no Século XIX.” *Textura: Revista de Educação e Letras*, vol. 7 (11): 57-63.

## NOTAS

1. Adiante abordar-se-á esta obra em maior detalhe, que é um volume disciplinar marcante, ancorado pelo rigor e fruto de anos de pesquisas múltiplas que surgiam no movimento das suas viagens.

2. Citada a partir de Art II. *Journal of a Residence in India*. By Maria Graham, 4to, pp. 219; Price 11.1s. Longman and Co. 1812.

3. «There are several other passages in the discourses on which we had intended to have made our remarks; but the length to which this article has imperceptibly run on, compels us to break off abruptly at once. We can only, therefore, recommend the President's works to all our critical readers, assuring them that they will find there a great deal of original criticism, and a great deal of ingenious illustration, delivered in a style pure and perspicuous and elegant» In “Graham's Journal to a Residence in India”, *The Eclectic Review*, 1813, 10, p. 569.

4. O 1.º grau engloba «os viajantes que se veem, – na verdade, viajam-nos e eles são, de algum modo, cegos» e o 2.º grau: «os que olham verdadeiramente o mundo» (Nietzsche 1902, 146-147).

5. Waldemar de Figueiredo Valente (1908-1992) foi médico, farmacêutico, antropólogo, sociólogo, etnólogo, professor, pesquisador, humorista e escritor.

6. Nísia Floresta, *alter-ego* de Dionísia Gonçalves Pinto, nasceu de família abastada do Rio Grande do Norte – Recife. Ao tempo, a cidade era ponto de passagem obrigatório para os viajantes estrangeiros, caso igualmente de Graham. Os escritos franceses de Nísia Floresta – que contactou em Paris o filósofo Auguste Comte (1857) – servem de confronto aos produzidos pelos viajantes estrangeiros no Brasil.

7. José de Anchieta escreveu *Arte de Grammatica da Lingva Mais Vsada* na Costa do Brasil, obra datada de 1595.

8. <https://www.rct.uk/collection/701092/the-christopher-inn-eton-a-d-1845> (consultado em julho 2019).

9. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/usergallery/wAKS-kzbVwiAJQ> (consultado em julho 2019).

10. Cf. pp. 411 a 416 do *Guia de Coleções da Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional [Brasil]*: [https://www.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/miscelanea/2019/20190312\\_guia-4980.pdf](https://www.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/miscelanea/2019/20190312_guia-4980.pdf) (consultado em julho 2019).

11. Cf: «Notas gerais: Além da Divisão de Manuscritos, esta coleção encontra-se também na Divisão de Iconografia. Assuntos: Brasil – História – I Reinado, 1822-1831 Brasil – Reis e governantes Leopoldina, imperatriz consorte de Pedro I, imperador do Brasil, 1797-1826 Pedro I,

imperador do Brasil, 1798-1834 Secundárias: Livraria Kosmos Spencer, Walter T. Estágio de tratamento técnico: organizada»: [https://www.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/miscelanea/2019/20190312\\_guia-4980.pdf](https://www.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/miscelanea/2019/20190312_guia-4980.pdf) (consultado em julho 2019).

12. Acessível em [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_manuscritos/mss1303521/mss1303521.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1303521/mss1303521.pdf) (consultado em julho 2019).

13. Acessível em português na base *Brasiana* da Universidade de São Paulo e no Project Gutenberg.

14. Os ensaios da viagem, as divagações de poetas e artistas – finais de século XVIII, inícios de XIX – foram garante de lucidez e vislumbre prospetivo: *A Sentimental Journey Through France and Italy* de Sterne (1768); *Viagens em Itália* de Goethe (1787); *História da Pintura em Itália* de Stendhal (1812-1816); Cadernos de Notas e desenhos de Turner relativos às *Jornadas nos Alpes ou Veneza; Pedras de Veneza* de Ruskin (1851) para citar alguns títulos.

15. Isabel Godin des Odonais (1727-1792) *Relation du Voyage en Amazonie*; Rose [de Saulces] de Freycinet (1794-1832) *Campagne de l'Uranie (1817-1820)*; Comtesse Louise de Barral, Marquesa de Monferrato (1816-1891) *Lettres/Cartas*; Mme. Langlet-Dufresnoy (1820 - ?) *Quinze ans au Brésil ou Excursions à la Diamantine*; Adèle Toussaint-Samson (1820-1912) *Une Parisienne au Brésil*.

## RESUMOS

A autora e artista inglesa Maria Graham (1785-1842) cumpriu um pensamento sistemático sobre viagens, desde a primeira estadia na Índia, intercalando incursões na Europa e emblemáticas residências no Brasil. Existirá museu [imaginário e singular] mais eclético do que a viagem autognósica que um estudioso ou artista realize? O caso da viajante Maria Graham, cujas experiências críticas se avolumam em cerca de dez livros de viagem, entre os quais *O Diário de uma Viagem ao Brasil e de uma Estada País durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823*, é exemplar, atendendo ao período de consciência sociopolítica a que se refere. Contrapõem-se às suas reflexões e iconografias, algumas das significativas referências a pintores que obedeceram a suas missões científicas e artísticas, plasmando um Brasil visitado por artistas a partir do século XVII. Subsistiram descrições de locais, costumes e factos, precisando as suas idiosincrasias. A obra literária da autora inglesa combina os registos, narrativas entrecruzando imagens às palavras, sob exigência quase científica. Entre os estudos sobre viajantes-mulheres-artistas, do caso de Maria Graham destacam as características da sua pesquisa *in loco*, agregando o ecletismo de seus depoimentos-relatos viso-verbicos, sem desarticular a sua identidade em consciências dicotômicas. Cartografou os lugares visitados, fixando-os em suportes articulados entre escrita e desenho, tornando a sua obra algo que atingisse, interpelasse os seus leitores europeus. A viajante-investigadora procedeu no cruzamento de ideias, capaz de organizar a peculiaridade nesse seu e “sozinho” museu-viagem-escrita eclético – entre a sedução pelo estranho, a denúncia de condições societárias e gerindo a compulsividade da descarga emotiva.

The English author and artist Maria Graham (1785-1842) fulfilled a systematic thought about travel since her first stay in India, interspersing incursions into Europe and the emblematic residences in Brazil. Is there a museum [imaginary and singular] more eclectic than the one accomplished by the self-knowledge journey by a scholar or an artist? The case of the traveller Maria Graham, whose critical experiences echo in about 10 travel books, among them *The Diary of a Journey to Brazil and a Stay in this Country during the years of 1821, 1822 and 1823*, is exemplary –

especialmente considerando o período de consciência socio-política em referência. Seu trabalho literário entrelaça narrativa com imagens, sob os mais exigentes requisitos científicos, e pode ser relacionado às obras de outros autores europeus que seguiram missões científicas e artísticas semelhantes, moldando uma imagem do Brasil como visto por seus artistas visitantes a partir do século XVI. Relatos sobre lugares, costumes e fatos subsistiram, sublinhando o que era percebido como idiossincrasias. Entre as pesquisas sobre mulheres viajantes-artistas, a de Maria Graham destaca as características de sua investigação in loco, adicionando o ecletismo de seus depoimentos visuais, sem perder-se em qualquer forma de consciência dicotômica. Mapeando os lugares que visitou, registrando-os por meio da escrita e do desenho, desenvolveu uma obra que apelou aos seus leitores europeus. Esta pesquisadora-viajante-feminista procedeu nessa interseção de ideias, e forneceu aos seus leitores uma peculiar perspectiva de suas descobertas, de sua única (e possivelmente “solitária”) coleção eclética – tecida com a capacidade de se render à sedução do estrangeiro, e à *denúncia das condições sociais*, enquanto lidava com a complexidade de suas próprias emoções.

## ÍNDICE

**Palavras-chave:** Maria Graham, mulheres viajantes, livro de viagens, ecletismo, biografia

**Keywords:** Maria Graham, women travellers, travel literature, eclecticism, biography

## AUTOR

### MARIA DE FÁTIMA LAMBERT

Doutorada em Filosofia Moderna e Contemporânea – Estética (1998), Faculdade de Filosofia Braga da Universidade Católica Portuguesa com a tese “Fundamentos Filosóficos da Estética em Almada Negreiros”. Professora coordenadora – Escola Superior de Educação (ESE) do Politécnico do Porto (PP). Diretora do Centro de Investigação & Inovação em Educação (InED-ESE/PP), entre 2014 e 2016. Presidente do Conselho Científico ESE/IPP (1998-2003). Bolsista da Fundação para a Ciência e a Tecnologia no projeto “*Writing and Seeing*” (2000-2004). Coordenadora da Comissão do Ensino Artístico do Ministério da Educação (1996-1997). Avaliadora Especialista - A3eS (Agência de Avaliação e Acreditação no Ensino Superior)/Artes Visuais. Membro integrado do InED, coordena projetos de investigação e integra a comissão científica do Instituto de História da Arte (Universidade Nova de Lisboa) e de várias revistas científicas. Membro da AICA (Associação Internacional de Críticos de Arte) – secção portuguesa. Curadora Independente. InED - Centro de Investigação e Inovação em Educação da Escola Superior de Educação, Politécnico do Porto, rua Dr. Roberto Frias, 602, 4200-465 Porto, flambert@ese.ipp.pt